

A febre do *wrestling* atingiu os miúdos portugueses que vêem as vedetas na televisão e as imitam no quintal. Esse grande circo, ao vivo, está prestes a 'assaltar' Lisboa, enquanto os *wrestlers* nacionais bem podem esfolar-se pelo estrelato

Textos de **Raquel Carrilho**  
Fotografias de **António Pedro Santos**

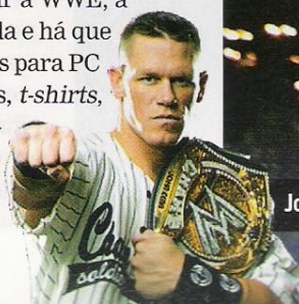
**D**EPOIS de sair da WWE, Kurt Angle vai para a TNA e pode participar na MMA de 2007. Não percebeu? Não se preocupe. De certeza que qualquer criança ou adolescente lhe explica.

O *wrestling* é de tal forma um fenómeno que, em pleno Agosto, mês de férias por excelência dos portugueses, bastaram dois dias para esgotar 10 mil bilhetes para o World Wrestling Entertainment (WWE) Smackdown Tour, a 5 de Dezembro – um espectáculo que reúne as principais figuras do *wrestling* mundial.

O impacto levou a que fosse agendado um segundo espectáculo para 4 de Dezembro, cujos bilhetes estarão à venda a partir de 30 de Outubro. Álvaro Ramos, da promotora Ritmos & Blues, acredita na continuação do sucesso: «**É um espectáculo para toda a família e não tenho dúvidas que este também vai esgotar**».

Mas há mais. Antes, a 31 de Outubro, o Campo Pequeno recebe o espectáculo Impacto Total, sob a alçada da Associação Portuguesa de Wrestling (APW) e da americana TNA (a mesma que se pode ver no Eurosport). Uma oportunidade para ver alguns dos melhores *wrestlers* portugueses lado a lado com os internacionais.

Passados cerca de três anos desde que a SIC Radical começou a transmitir a WWE, a histeria parece estar instalada e há que explorar o filão de ouro. Jogos para PC e consolas, DVD, CD, bonecos, *t-shirts*, programas de rádio e de televisão (**Duplo Impacto**, com Diogo Beja), sítios, fóruns, blogues. Até os →



John Cena

# WRESTLING Circo de feras





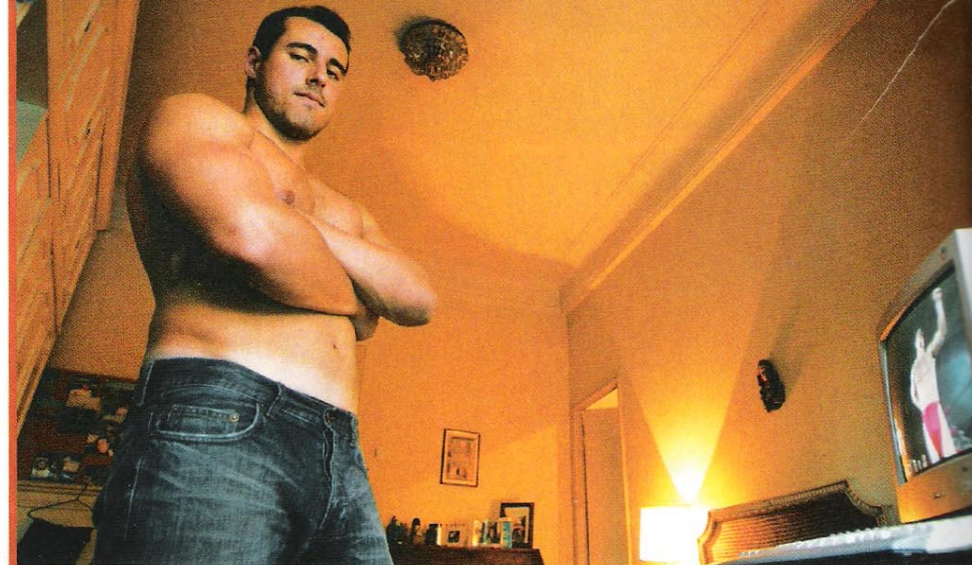
Bollycao já oferecem cromos de *wrestling*. A loucura é oficial.

### Perigos iminentes

Para muitos pais estas são paixões difíceis de entender. As reacções dividem-se. Alguns não deixam ver; outros, apesar de não gostarem, não conseguem impedir. Casos mais radicais, deixaram de ter TV Cabo ou mandaram codificar a SIC Radical e a Eurosport. Há ainda pais que vão mais longe e sugerem a proibição de emissão. Outros 'aprenderam' a usar o *wrestling* como moeda de troca: podem ver, caso se portem bem. A violência e a possibilidade de imitarem o que viram são os factores que deixam os pais mais apreensivos. O pedopsiquiatra, Nuno Lobo Antunes, não nega que esta é uma possibilidade real: «Pode haver uma tendência de imitação, o que acontece com toda a televisão. É preciso que os pais façam o devido enquadramento».



As preocupações dos pais são as das escolas, que confrontadas com a questão, têm reacções díspares. A escola nº1, em Portimão, convidou Carlos Sequeira, presidente da APW para dar aulas. Já o externato Vera Cruz, em Lisboa, pediu aos pais que alertassem os filhos para os riscos da modalidade. Receios que encontram fundamento nas notícias que chegam dos EUA – é frequente crianças magoarem-se nestas brincadeiras. O caso mais grave ficou para a história: em 1999, um miúdo de 13 anos foi condenado a prisão perpétua por ter morto uma colega de 12 ao imitar manobras de *wrestling*. Por alguma razão, no arranque de cada programa é feito o aviso: *Don't try this at home*. É que, apesar de os combates serem combinados, o vencedor está predeterminado e haver um guião coreografado, os *wrestlers* magoam-se. E não é só quando corre mal. A maioria das manobras provocam dor, mas o lutador está treinado para suportá-la. O prazer no que fazem é tão grande que não sentem a dor. De tal forma que os combates mais radicais, que envolvem sangue, podem



## Rumo ao estrangeiro

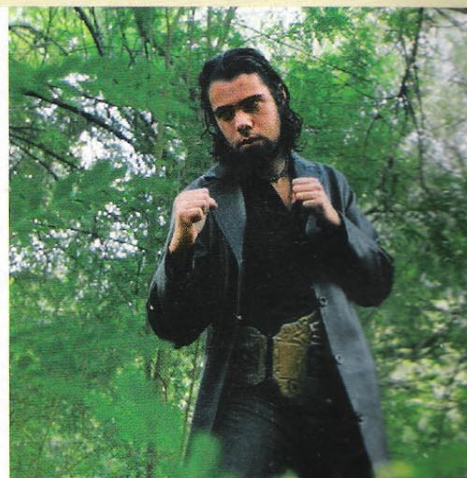
**Era ainda criança quando começou a ver *wrestling* na RTP,** na

altura com os comentários de Tarzan Taborda (com quem chegou a ter aulas). Agora, mais de dez anos passados, Bruno Brito, ou Bammer, prepara-se para seguir os passos daquele que foi o grande rosto do *wrestling* português e arriscar numa carreira internacional. Aos 23 anos, Bammer, de 1.83m e 100 quilos – controlados com uma precisão suíça –, está de

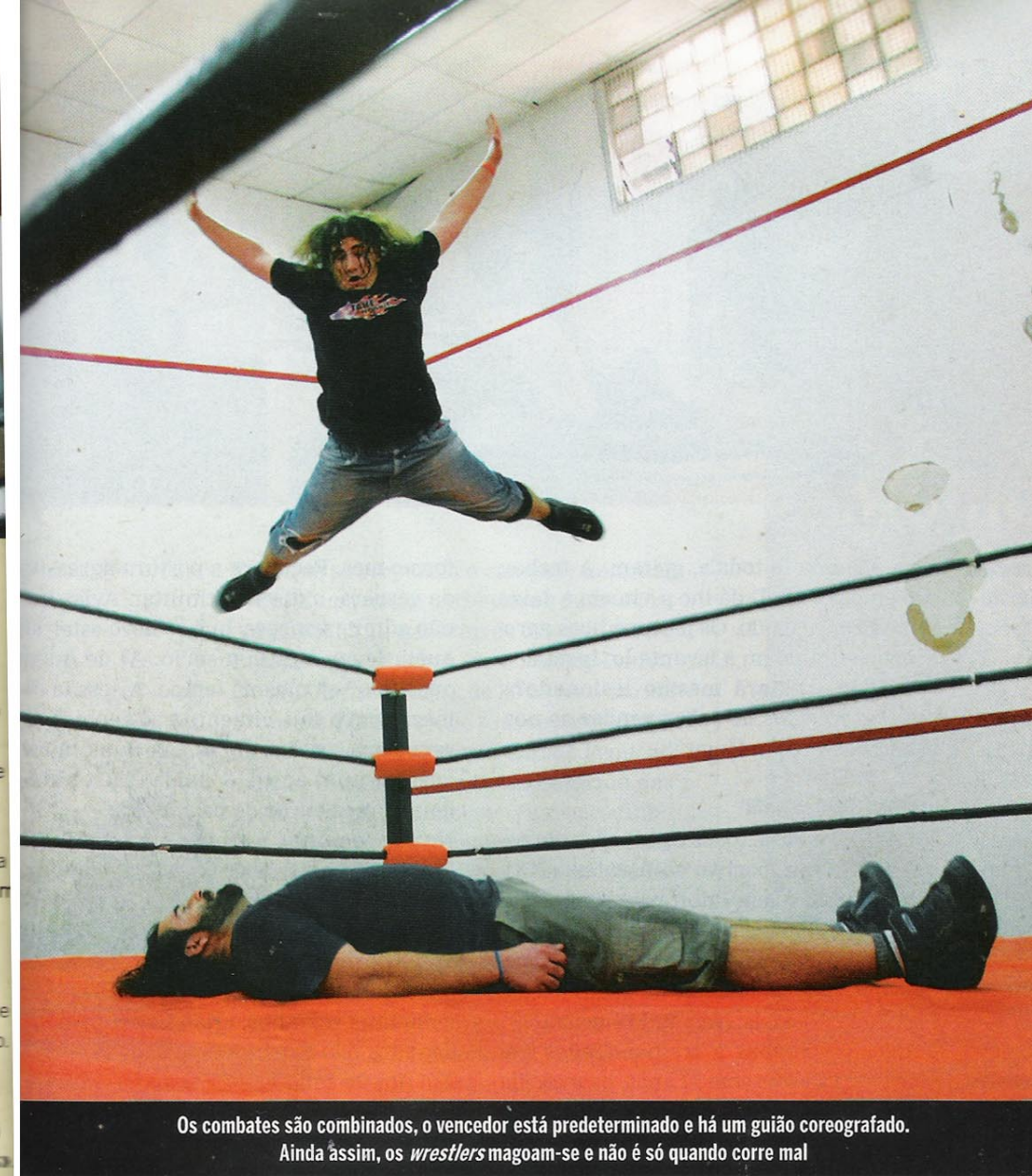
malas feitas para o Canadá. É um dos *wrestlers* portugueses que reúne mais consenso e embarca, em 2007, numa aventura que implicou um investimento total de cerca de cinco mil euros – dinheiro que está a juntar com o trabalho no gabinete de comunicação da Warner Home Video. O grande objectivo é fazer uma boa formação e, depois, começar logo a trabalhar. Chegar a campeão intercontinental.

Quer seguir os passos do seu ídolo, Chris Benoit, que terá

oportunidade de ver ao vivo no Smackdown Tour. «Tenho medo de começar a chorar quando o vir». Enquanto esse momento não chega, Bruno dedica-se ao treino, várias horas por dia. Para trás, fica a família – «sei que eles pensam que isto é um desperdício, mas apoiam-me» – e a licenciatura em Marketing, que tirou apesar de saber que esse não seria o seu caminho. Sacrifícios para fazer o que chama de «espécie de ballet para homens», para ser «um artista, não um brutamonte».



João Viegas, ou Ravel, está no centro das polémicas do *wrestling* nacional (em cima); Carlos Sequeira, ou Mad Dog, é presidente da APW (em baixo)



Os combates são combinados, o vencedor está predeterminado e há um guião coreografado. Ainda assim, os *wrestlers* magoam-se e não é só quando corre mal

milhões do circo norte-americano, as 'feras portuguesas' tentam dar mais expressão ao *wrestling* nacional. No entanto, apesar de a grande maioria dos praticantes revelar o desejo de atingir um patamar profissional, a falta de entendimento entre diferentes facções põe em risco estes sonhos. Existe *wrestling* português, mas se tentarmos fazer um panorama global, deparamo-nos com uma telenovela sul-americana de mau guião. Se dentro do ringue tudo é combinado, fora tudo é muito a sério. As trocas de namoradas, os insultos e as agressões físicas entre *wrestlers* de vários grupos repetem-se.

No centro da discórdia parece estar João Viegas, Ravel de nome artístico. Praticante desde 2001, começou na Escola Tarzan Taborda e, mais tarde, formou a National Wrestling Revolution (NWR). Uma série de divergências fizeram com que o primeiro evento da NWR, fosse também o último – a exibição no liceu Camões, em Lisboa, acabou numa cena de pancadaria entre *wrestlers*. Afastado dos

treinos, João diz-se triste e injustiçado. Tem consciência que é visto como a ovelha negra do *wrestling* português, mas segundo ele, é mais o «patinho feio».

Certo é que estas discussões, que se alastram dos grupos maiores aos mais pequenos, prejudicam a evolução da modalidade. As principais associações reconhecem que a união faz a força. O problema, dizem, são «os egos».

Guerras à parte, o fim da NWR levou à criação da Associação de Wrestling de Lisboa (AWL). Hugo Andrade, ou Lobo Branco, de 26 anos, é o líder da recém-formada associação que pretende reunir «uma família de pessoas que vivem para o *wrestling*».

Já a APW, sediada no Algarve, surgiu há 13 anos e é a associação mais antiga e a única registada. «Temos a burocracia toda», revela o presidente, Carlos Sequeira. Com 90 associados e os mais antigos praticantes de *wrestling* em Portugal, é o único grupo que faz regularmente análises de doping aos

O barulho de cada embate no ringue é ensurdecedor. No final de cada manobra sorriem. Às vezes abraçam-se

‘É preciso ter o ego em chamas para se largar tudo no ringue’, admite Hugo Andrade, o Lobo Branco

seus atletas e o que está mais próximo da profissionalização. E este, segundo Carlos Sequeira, pode ser «um ano decisivo».

### Em acção

São poucas as oportunidades para um destes grupos ter uma exibição. Nos últimos meses, apenas a APW realizou um torneio (e agora prepara o primeiro grande evento). A AWL acabou de fazer o seu primeiro espectáculo. No arraial da Escola Superior de Comunicação Social, o cenário era variado: tuna, Quim Barreiros e *wrestling*... Uma noite fria, aquecida pelos copos e trajas académicos.

Os lutadores chegaram cedo, para montar o ringue e combinar as manobras de cada combate. Seis homens e uma mulher, Maria Ferreira, a Bloody Mary – uma das poucas que pratica a modalidade em Portugal e a «princesa» do grupo. Parecem uma família. Unidos. Ela



Batista



Edge

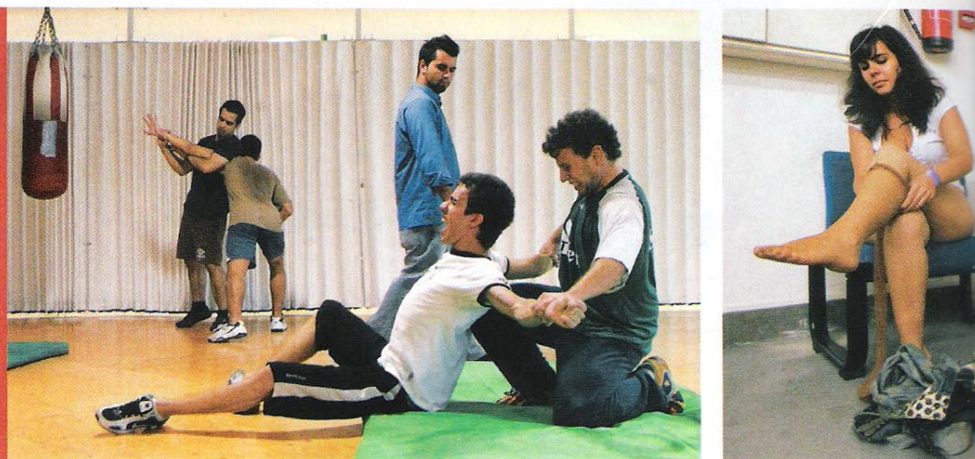
Ainda assim, as entidades da zona afirmam não ter conhecimento oficial da situação. Muito longe do negócio de

Hulk Hogan





Os treinos da AWL duram duas horas. À saída, cada aluno deixa cinco euros de pagamento



despe-se despidoradamente ao pé dos rapazes e veste-se 'à colegial'. «Estás muita boa!», dizem-lhe. O sorriso tímido contrasta com tanta testosterona.

Já vestidos, as personagens começam a vir ao de cima. O ambiente é de concentração. Promovem-se os sentimentos negativos. Ouvem-se gritos de guerra: «Vamos deitar a casa abaixo!», «Não tenham medo de se aleijar!». Em círculo, abraçados, chegam mais incentivos. Hugo, uma vez mais o líder, com ar quase assustador, atira em voz grave: «Vamos dar o nosso melhor para calarmos a boca a muita gente. Vocês são a minha família, mas não permito traição.» Mais uma vez as rivalidades com outros grupos de *wrestling* inspiram. Mais tarde Hugo explica: «É preciso ter o ego em chamas para se largar tudo no ringue».

O primeiro combate opõe Foulmouth Rappaport Feio a Sonny Maddox, mas acaba por passar despercebido. Ainda todos têm o ouvido na tuna. O cenário muda no segundo confronto. Os ânimos aquecem. DVD e Killswitch interagem com o público, mandam-no calar, cospem. Como resposta, a plateia torce pelo seu favorito: «Lingrinhas!», «Gordinho!» Perante a desistência de DVD e ao bom espírito académico, um grupo de rapazes trajados grita: «Tens a p... murcha!»

O terceiro combate é o ponto alto da noite. Lobo Branco defronta MoD. Habitua-dos a combaterem juntos, pertencem à ala mais *hardcore* do *wrestling*. A postura é de extrema agressividade, os olhares possuídos. A plateia está ao rubro, os gritos são constantes. Ainda assim, Lobo Branco quer mais. «Está tudo morto, c...?» Se estavam acordaram de seguida, com a entrada de Bloody Mary. O *look* colegial conquista a plateia masculina, sobretudo depois de a verem fazer um voo de dois me-

tros. «Comia-te toda!», gritam. A fechar, um golpe de MoD dá-lhe a vitória e deixa Lobo Branco caído. Os paramédicos aproximam-se, ajudam a levantá-lo. Instala-se a dúvida. «Estará mesmo lesionado?», ouve-se. «Temos de saber vender as nossas lesões», conta Hugo.

#### Treinar para brilhar

Na AWL treina-se todos os sábados, no pavilhão Multidesportivo do Alvaláxia XXI. Naquele dia, quem lutou na véspera está presente apenas para orientar os outros. Evitam queixar-se. Preferem dizer que estão cansados. As marcas, no entanto, continuam lá. Visíveis. Nem tudo é teatro. Estão dez pessoas a treinar. Todos homens, no mínimo com 17 anos, na maioria estudantes do secundário. É Hugo quem os orienta: «Sei que é muito pouco tempo para dar aulas, mas pesquiso muito e in-

formo-me». Recupera a postura agressiva da véspera, o discurso militar. Avisa que não admite traições, que só deve estar ali quem levar aquilo a sério. Ai de quem ousa falar ao mesmo tempo. A sessão começa com o aquecimento e só depois passam para as manobras. As duas horas passam num ápice. À saída, cada aluno deixa cinco euros de pagamento.

No dia seguinte, o treino é na APW. Em Portimão, há três treinos por semana, num ginásio. Estão divididos em vários níveis e já tiveram alunos a partir dos 10 anos. Carlos Sequeira prefere aceitar estes casos do que permitir que façam as manobras sozinhos. «Não vale a pena dizer para não fazerem».

Ao fim-de-semana, os mais avançados juntam-se no único ringue oficial de *wrestling* da Península Ibérica, montado provisoriamente num ginásio em Silves.

Maria Ferreira, a Bloody Mary, é uma das poucas mulheres a praticar *wrestling* em Portugal



Undertaker

É ali que se preparam o campeão nacional Pedro Encarnação (Arte-Gore), de 29 anos; Jorge Rocha (D-namite), de 24 anos; Paulo Próspero (Paulinho), de 20 anos; Daniel Nunes (Karmagedan), de 30 anos; e Carlos Sequeira (Mad Dog), de 33 anos, presidente da APW. Todos estarão no Campo Pequeno a 31 de Outubro, para o «espectáculo das nossas vidas». São enormes, um bocadinho assustadores, mas humanos: «Só de pensar no espectáculo já sentimos os nervos todos». Em média, fazem *wrestling* há mais de dez anos. Sabem os truques todos. Já conhecem os pontos fracos uns dos outros. Ainda assim, não se escusam a treinar. Repetem vezes e vezes sem conta cada exercício. O barulho de cada embate no ringue é ensurdecedor. No final de cada manobra sorriem. Às vezes abraçam-se. Todos acreditam que desta é que é. ■

#### De pequenino se torce o pepino

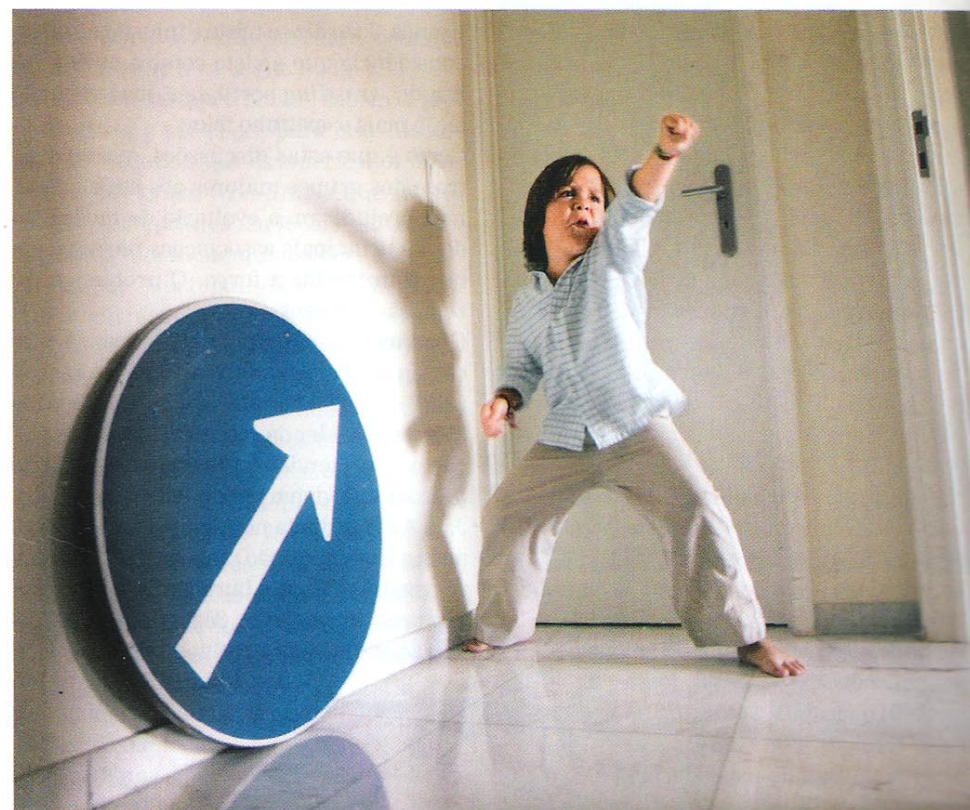
Manuel Morato, de seis anos, é uma das milhares de crianças que, em Portugal, acompanham o universo do *wrestling* americano.

Gosta dos combates «a fingir», sabe os nomes dos lutadores, tem os seus favoritos – King Booker, Batista e Mr. Kennedy. Mas nem sempre os mais pequenos são os maiores fãs. Neste caso, Manuel foi apresentado ao espectáculo pelos mais velhos. A tia, Joana Petiz, de 28 anos, jornalista, e o namorado, Vasco Palmeirim, produtor da Mega FM, já acompanhavam. «É entretenimento puro», dizem.

Manuel começou a ver com o casal e depressa se assumiu como fã, apesar de ir contra a vontade da mãe, Rita. «A mãe educa, eu deseduco», brinca a tia Joana.

A jornalista não vê problema no sobrinho ver *wrestling*. «Já há pior nos desenhos animados». Além disto, acredita que Manuel «sabe que aquilo pode ser perigoso e não imita. Ele é muito pacífico, não o estou a ver a atirar mesas ou cadeiras por aí». A mãe também não, mas não esconde uma certa preocupação. Até porque acabou de descobrir, pelo próprio Manuel, que estas brincadeiras já chegaram à escola. «Ando a treinar, mãe! No outro dia cá a lutar mas ganhei».

Agora só falta mesmo esperar pelo espectáculo de Dezembro. O Manuel poderá ser encontrado na primeira fila, com um caderninho pronto para encher de autógrafos.



King Booker

PUBLICIDADE